

# O ABOLICIONISTA

LIBERTAS, QUÆ SERA TAMEN

CEARA.

AMAZONAS.

BARRAS!

AMARRAÇÃO!

JAICÓS!

Publica-se 1 vez por semana. Assignaturas 25000 reis por trimestre para a capital e 55000 por semestre para o interior—Pgamento adiantado. Toda correspondencia deve ser dirigida a typ. do "TELEPHONE"—Rua BELLA.

## O ABOLICIONISTA.

Theresina 5 de Novembro de 1884

### O ABOLICIONISMO ENTRE NÓS.

Irrompe por todos os lados a idéa abolicionista. Depois dos prodígios civicos e humanitarios que praticou uma cohorte de cearenses heroicos, era impossivel que ficássemos, nós os Piahyenses, de braços cruzados, inertes, diante de uma luta gloriosa, santa, empenhada em prol de homens que a lei e a ambição tornarão couza, objectos de propriedade, transmittida por herança ou comprada á dinheiro, nos mercados publicos, como bestas de carga!

Os factos da luz que illuminou a vizinha provincia, não podião deixar de illuminar-nos tambem, despertando em nossos corações as nobres emulações pela mais santa de todas as causas, pela mais digna de todas as idéas.

Assim, em diversos pontos da provincia surge um puchado de homens resolutos e desinteressados; formão-se em sociedade e libertão os escravos como podem, ora conseguindo as cartas dos proprios senhores, ora indemnizando-os, tudo na maior ordem e respeito possiveis.

Os piahyenses que não são, não

podem e não devem ser esclavagistas, tem-se collocado em uma attitudo digna dos nossos costumes, não creando embaracos de especie alguma a prosperidade da idéa nacional. Embora alguns erroneamente entendão que a escravidão é necessaria na ordem actual de couzas, não se oppõem a emancipação desde que haja a indemnisação, que é a condição sine qua non de divergencia entre nós.

O amor ao dinheiro sempre foi, e será sempre a mais poderosa de todas as paixões humanas.

Não raras vezes o dinheiro faz calar os brados afflictivos da consciencia; rasga velhos e sagrados laços de amizade e atira a deshonra sobre muito nome respeitavel. Muita gente põe o seo interesse material acima de todos os grandes interesses eternos e santos da humanidade, por não se recordar que os interesses da humanidade são os seus interesses. Deixando, porem de lado esta materia, que talvez seja mais tarde descutida largamente, continuamos a affirmar que o abolicionismo, entre nós, tem tido uma repercursão admiravel; conta ja em seo luminoso seo uma grande porção de cidadãos de todas as classes e partidos, que trabalham com seriedade e dedicacão para que

«Seja este nome—escravo—supprimido Da lista dos vocabulos.»

Somos levados a acreditar que, em tempo assim breve, a grande maioria das nossas comprovincianozas, despidendo-se de velhos preconceitos, ha de abraçar sem repugnancia, com a mais fervorosa dedicacão, as idéas abolicionistas, que são as idéas vencedoras do seculo, que terão de ser impostas pelo senso commum, como um dogma.

Como o abolicionismo ramificou-se com tamanho enthusiasmo pela Amarração, Barras, Jaicos e menos intensamente em alguns outros municipios?

Uma enorme sympathia emocionada pelo choque das conquistas brilhantes vencidas pelo grupo abolicionista cearense, por esses homens magnanimos, cujos nomes o futuro cobrirá de bençãos, foi bastante para desputar entre nós o movimento que todos os dias vae em uma rapida progressão continua. Os espiritos refractarios ou timoratos, emperrados ou infantis, egoistas ou acanhados, hão de ceder necessariamente, unindo-se manifestamente ou latentemente ao grosso do exercito abolicionista, que augmenta diariamente.

A propaganda, entre nós, tem sido e será feita suavemente sem as crepitações igneas das lutas vehementes que deslumbrão todos os partidos, sem esse exagero que muitas vezes não passa de uma

desfargada hypocrizia. Todos tem procurado, ao menos a grande maioria abolicionista, encaminhar a questão atravez de tantos interesses que se chocão terrivelmente, sempre no intuito da paz, sem abalos nem commoções, que apenas servem para acender os odios e agugar as paixões partidarias. Nós que nos constituimos orgãos dos diversos grupos abolicionistas espathados pelo centro, podem attestar todos os que nos tem lido, timbramos conscienciosamente por guardar todas as conveniencias, descurando as questões escravagistas com a maxima deferencia para com os proprietarios. A nossa linha de conducta franca e decisiva, temos bem de fé, será devidamente apreciada pelos nossos adversarios, aos quaes instantemente rogamos toda moderacão na luta em que estamos infatigavelmente empenhados.

No interior as sociedades abolicionistas, egualmente possuidas dos mesmos desejos, continuão procedendo com toda calma e acatamento, não incitando os escravos contra os senhores nem promovendo no foro libertações a todo transe acendendo assim, os animos e revivendo velhas desavenças, que desejamos ver extintas, por que, maiores do que todos os nossos pequenos interesses individuaes, temos diante de nós os grande,

## FOLHETIM DO "ABOLICIONISTA"

### TRES BOTÕES DE ROSA.

(ROMANCETO)

Por J. F.

(A' Clodoaldo Freitas e Joaquim N. Paranaquí.)

II

(Continuação)

E' a walsa a dança que mais aprecio, meu amigo. Tenho minhas theorias a esse respeito, que me parecem bem procedentes. E' n'ella que sentimos esse ahego de seios que se colam, e de almas que se confundem. E' n'ella que as commoções são profundas, energicamente dominadoras de espiritos, que se alimentam de um só perfume, exhalado por labios cor de rosa ou de carmim. E', pois, a dança da minha paixão. Sou sempre feliz, muito feliz mesmo quando walso com uma menina interessante e intelligente. E' esse requesito sobravam no meu gentil parsito, na timida irmãinha do meu amav Luiz da Costa...

Eu admirava a gentileza d'essa menina, inebriado na magia da sua voz, de seus sorrisos, de seus encantos; e sentia-me abatido por uma força, que me queria subjugar não obstante a resistencia com que lutava. Não sabia mesmo como dominar-me, como resistir as primeiras manifestações de meu coração até calço virgem de amor e virgem de paixões!!

Quando terminamos a walsa demos um longo passeio por todas as salas, fomos ao jardim e finalmente viemos-nos sentar em duas cadeiras, que acabavam de vagar.

—V. Exc. me concederá uma outra walsa?...

—Agrada-lhe a terceira? Sim?...  
—Oh! minha senhora, si V. Exc. soubesse quanto me sinto feliz por essa amabilidade de sua alma generosa...

—E' muito delicada, Doutor!...  
—Não sei como agradecer a V. Exc. mais esta fineza...

—Não sabe? interrompen-me ella sorrindo.  
—Não tenho essa felicidade.

—Se eu lhe pedir a recompensa o Sr. m'a dispensará?  
—Porque não?... Com infinita satisfação. Ordene.

—Ordene.

—Pois bem, em troca das walsas, dê-me o prazer de ler repetidas vezes versos tão guantes, tão bonitinhos como os que costuma, ás vezes, publicar nos nossos jornos. E' continuando: Eu dou-lhe estes tres botões de rosa para inspirar-o, mas... não me enganar. Sabe?... Eu antes de conhecer pessoalmente ja o apreciava pelos seus escriptos, pelas suas bellas composições poeticas tão miúdas como só sabem ser as florinhas silvestres, e hoje ainda mais o aprecio pelo seu tracto delicado e amavel.

Eu passava de deslumbramento em deslumbramento, não sabia se sonhava, se idealizava concepções no espirito... Tal era a minha perturbacão.

Quando eu tornava de extrair-me com o braço, pela ultima vez, a sua delgada cintura ouvi sua doce voz que me dizia:

—Não se esqueça dos versos... não me engane...

Por ella, meu amigo, que uma nave de bonanga veio esgarçar-se em minha fronte e eu consegui ao retirar-me, no momento de dizer-lhe o meu adeus! de despedida gaguejar commovido estas qualidades: inspiradas na offerta que me fizera des

Tres botões de rosa.

Tres botõesinhos n'uma haste presos; Um despontava simplesmente bello, Como creanças, n'um sorriso d'infante Deixam os outros no mimoso elo.

Deu-m'os a virgem, que de amor suspira, Como lembrança d'um sorriso seu; Prendi as flores todas tres no peito, E a virgem disse—o coração e teu.

Ao terminar, ella sorriu-se alegremente, e eu fugi ennamorado.

III

No dia seguinte a mesma hora, quando as andorinhas se recolhiam aos seus ninhos, estava eu sentado no terço de minha casa e repassava com todas as circumstancias, ainda as mais insignificantes, as scenas do dia anterior.

O encontro no trem com o Luiz da Costa, esse moço de qualidades recommendaveis, de tracto apurado e soavel, a sua insistencia para acompanhá-lo até a rica chacara do seu pae, as impressões que recebi ao entrar no vasto salão illuminado, o cumprimento amavel das meninas, a recepção honrosa que me dispensara o commendador, todas estas scenas se implantaram em minha imaginacão e iam se reproduzindo á medida que eu me embestia nas recordações d'aquella noite venturosa e feliz para mim.

(Continúa)

interesses geraes da patria, da humanidade. Sejamos justos para sermos respeitados. A summa de todos os nossos esforços será necessariamente o engraçamento fraterno de todos os que trabalham de coração para que,

Lave-se a nodoa infame que marea,  
O refulgente nome do Brazil.

que ancioso espera de nós a sua redempção, a proclamação franca e solemne da sua libertação, o reconhecimento peremptorio e santo da egualdade de todos os seus filhos, sem distincção de cor nem de raça. Antes de resgatar-mos da escravidão os brasileiros que um erro fatal rebaixou ao nivel das couzas; antes de riscarmos das nossas leis o artigo maldigo que consagra a posse do homem pelo homem; antes de ser aberta a larga porta da verdade e da razão á todos nós, com que direito nos qualificamos livres; como podemos, cheios de orgulho patrio erguer a frente entre os povos livres?

E' para termos esse direito e esse nobre orgulho que trabalhamos com a melhor boa vontade para que desapareça de uma vez para sempre o elemento escravo, que é o prodomo da nossa vergonha social, o eterno rebaixamento da nossa patria querida, do unico paiz na America onde se desconhece e nega-se ao homem as prerogativas e os direitos dos homens!

Os nossos esforços, felizmente, não tem sido improficuos, inuteis.

Pouco tem sido o resultado delles; mas isto mesmo denota quanto elles tem de vehemencia e energia; quanto sacrificio requer para, com os poucos recursos com que contamos, realisar o numero ja crescido de alforrias, muitas a peso de ouro. Todavia, temos bastante fé na nossa cauza, bastante esperança no futuro e acreditamos que a efficacia dos nossos penosos esforços trará como consequencia a libertação total desta provincia em um prazo brevissimo, sem que haja, com tudo, movimento algum que venha perturbar a nossa paz.

Creemos nisto pela rectidão e philantropia dos nossos honrados comprouvianos e pela actividade que não poupamos em fazer a nossa propaganda, em termos que não de forçosamente actuar no anime justiceiro do leitor imparcial. Si falta-nos a eloquencia para convencer, de certo não nos faltará a paciencia para vencer.

Patience e longuer de temps

Font plus que force ni que rage.

=====:(:):=====  
**O TRABALHO LIVRE.**

**III**

Convem continuar na ordem de idéas, que temos expendido sobre este assumpto, para bem assentuar as vantagens salientes e incontestaveis desta especie de trabalho, o unico accetavel, o unico consentaneo com a civilisação hodierna.

A transmutação do trabalho es-

cravo em trabalho livre será para nós, uma reforma mais do que util, necessaria.

Todas as reformas que tem por fim melhorar uma instituição, um costume, são sempre de bons effeitos, e apresentarão utilidades incontestaveis a toda a luz da evidencia. N'este caso está a que desejamos, que é a que aspira um paiz tão rico como o nosso, e no entanto tão inculto, tão abandonado aos azares da sorte.

Si o nosso territorio estivesse dividido em deportamentos e estes occupados por colonos que o cultivassem fazendo sobre-sahir toda essa riqueza de que dispõe o nosso solo fertilissimo, si em vez de mantermos uma escravatura indolente e madrassa, que nada faz sem grandes esforços e grandes despesas dos proprietarios, tivessimos um punhado de homens livres dispostos e trabalhadores, então, sim, nós seriamos uma nação progressiva, adiantada, riquissima.

Pois bem, si estamos convencidos destas verdades, que duramente, francamente acabamos de enunciar; si estamos scientes de tudo isto, para que mais illusões. para que não abandonarmos esta velha e rabujenta instituição que reduz o homem a instrumento, vedando-lhe a cultura de seu espirito e peiando-lhe a liberdade como se fôra a um animal de carga?

Para que isto? Não estamos em um seculo de luzes em que se pregam doutrinas bellissimas e sãs com as cores mais singelas, com a transparencia mais simples para serem comprehendidas por todos, desde o sabio ao mais rude camponio?

Não foi neste seculo que observamos reformas sociaes de effeitos regeneradores, immediatos, promptos? Não foi neste seculo que a França reassumio de novo o invejavel e magnanimo governo do povo pelo povo, onde o cidadão é igual ao cidadão, onde se vê ferver um sangue entusiasta: o sangue da liberdade, da igualdade, da fraternidade, essas tres eloquentes expressões que resumem em si um poema sublime; não admiramos, também n'este seculo a grande federação americana sacudindo dos hombros os grilhões do servilismo que a acabrunhava, tornando-se adiantada, livre, imitavel, por que não colgarmos a esses grandes acontecimentos que tanto têm enriquecido as paginas da historia deste cosmos politico, com mais um facto condigno, com mais um acontecimento engrandecedor, por que não atirarmos de nossa frente esse manto negro que nos obscurece que nos envergonha, por que não acabarmos, também com a escravidão—essa velhidade que não tem mais razão de ser?

Si assim fizessimos, então, poderiamos nos apresentar em face das nações adiantadas com um ramalhete lindissimo para offerecer-lhes como uma prova do nosso trabalhar titanico, suarento, e esse ramalhete seria a realisação de um

idéal, seria... a *remissão dos captivos*, que traria com sigo a liberdade de pensar e de obrar restituída a milhares de infelises atirados ao desprezo, que se tornariam aproveitaveis e cooperariam para o progresso do nosso paiz!

=====:(:):=====  
—=:(:):=—

O écho da liberdade sempre repercutio nos terrenos brasileiros com vantagem e glorias.

Sempre caminhou o Brazil com arrogancia e impetuosidade para o horisonte da liberdade e da civilisação, e assim deve ser pois que tendo se desenvolvido n'este seculo de luzes e conhecimentos, ouve, vê, constantemente os exemplos que nos fornece a velha Europa, e o engrandecimento em que se eleva de dia para dia o filho dilecto da America do Norte.

Hontem esse écho glorioso percorreo os corações de todos os brasileiros animando-os na grande obra da emancipação de nosso paiz. cuja época gloriosa marca o dia 7 de Setembro de 1822.

Muitos forão os que perecerão n'esta luta, mas hoje vivem os seus nomes gravados em nossos corações como seja o do immortal Tiradentes e outros martyres da época em que o echo da independencia percorreo os angulos do vasto imperio brasileiro.

Immensa foi a luta, porem é immorredoura a gloria.

Hoje lutamos para pôr em liberdade um milhão de infelizes que até hontem nem se quer tiveram o direito de reagirem contra aquelles que os fazem inda hoje infelizes, coagindo-lhes a liberdade e dando-lhes em troca de seu trabalho o chicote e o tronco.

Pobres victimas do despotismo!

Uns roubarão-lhes do doce lar domestico, da convivencia com suas caras familias e outros os privão do goso da sociedade, do aperfeiçoamento a que todos somos sujeitos.

Que barbaridade sem limites a luz de um seculo de tanta illustração!

Amanhã teremos talvez de entrar em uma luta bem renhida—a da emancipação politica e religiosa.

Porem deixemos a época que se foi com os louros da gloria immorredoura, e a que virá para estribar-se sem duvida nos do passado e do presente, e tratemos com confiança na que se apresenta ante nós.

Reunimo-nos todos, para suplantarmos com uma só palavra—a liberdade—o que nos envergonha, o que nos fez ser cruel e deshumano—a nefanda escravidão!

Palavra acitante e negra que mancha um passado por mais brilhante que seja, o desdoura ao paiz mais coberto de glorias em todos os sentidos.—

Todos nós gritamos contra aquelles que agitam qualquer questão que venha prejudicar a liberdade de um cidadão, e no entanto não olhamos para mil victimas que debaixo de um captivo cruelto

nem se quer tem o direito da defesa.

E' preciso sermos de um vez coherentes estabelecendo que nenhum homem tenha mais liberdade do que ourro, excepto aquelles que por sua propria vontade destituir-se d'ella commettendo qualquer crime.

Suffocando-se a escravidão que não está de conformidade com a instrução que temos, não só cumprimos o nosso-dever de verdadeiros homens, como elevamos nossa patria para mais um degrão na senda da civilisação e do engrandecimento.

Nós os filhos deste seculo gigante, d'esse colosso de luzes devemos arcar e arcar poderosamente contra a tirania escravocrata que quer levar as raiaes do seculo que se aproxima, com a nossa vergonha e opprobio, o homem escravo!

Será elle o espelho em que os vindouros, nossos filhos, verão retratados os sentimentos baixos e indignos de seus antepassados, que viverão em um mundo de luzes e conhecimentos e não reagirão de modo conveniente afim de ser extincta tão negra e extranha barbaridade.

E devemos ser nós os que hoje contribuimos para que se faça amanhã um triste juizo de nossos sentimentos, procedendo assim de modo tão ingrato contra nossos proprios irmãos?

Devem ser tão cruéis os escravocratas a ponto de não enchergerem que a escravidão não tem razão de ser, e que todos os viventes tem direitos conferidos por um ente superior, a nós, e que não temos o poder de destituir os desses direitos, a menos que não commettamos um crime—perante Deos e os homens?!

Sem duvida ha alguma cousa que vos cega e domina, que vos embota os sentimentos mais nobres e vos faz erguer e diser-nos duas palavras que rebaixão os sentimentos do homem mais elevado:—Sou escravocrata.

A onda do abolicionismo cresce e cresce muito e levará no seo ultimo impulso o resto dos infelizes para fazei-os livres filhos desta terra abençoada.

Por agora lutemos com força e segurança que a palma da victoria será sem duvida nossa: é mais um grande facho de luz para esclarecer o céu de nossas aspirações e coroar a grande obra em que se empenha a maior parte dos filhos do seculo desenove.

**LITTERATURA.**

NOTICIA SOBRE OS «RETRALHOS,» VERSOS DE I. MARTINS JUNIOR.

**I**

O brilhante poeta das Visões de Hoje, o valente polemista da Folha do Norte, o moço cujo nome reve-

la uma intelligencia d'elite, I. Martins Junior acaba de dar ao prelo um novo volume de versos sob o titulo *Retalhos*, um pequeno folheto elegante, um mimo typographico. Jamais uma tão linda joia litteraria teve um envolvero tão artisticamente trabalhado.

Com este é o quarto volume que Martins Junior publica. O seo espirito sujeito á uma severa disciplina scientifica não divaga abandalhadamente pelo mundo feminino, pelos bordeis ou pelas velhas sachristias empoeiradas, a cata da inspiração cobarde impregnada da essencia de todas as podridões humanas. O mundo, tal como encara a concepção monistica, não é nem um facto isolado nem uma creação ou a realização de um plano preconcebido por uma vontade caprichosa. E', ao contrario, o resultante das forças physico-chímicas da materia. Debaixo deste ponto de vista desde a monere o ser rudimentario até o homem o ser completo, ha unicamente uma seriação evolutiva, uma filiação, vindo o ultimo elo da cadeia dos seres, pela ordem natural das cousas, prender-se ao primeiro, constituindo assim a completa harmonia na mecanica do universo, perante cujas leis o homem differe apenas quantitativamente dos outros animaes.

Essa consoladora certeza infunde uma tranquillidade n'alma do pensador que reflecte sobre os altos problemas da natureza. A convicção que todos marchamos no meio e por cima dos restos e destroços dos que, como nós, cahirão ao embate da tremenda lucta pela existencia; que o nosso destino é identico ao de tudo quanto vive na face da terra; que nós não somos creaturas excepcionaes, taes como se nos afigura o nosso velho e insensato orgulho, mas um simples elo, uma diminuta parcella, sujeita, como tudo mais, ao vigor soberano das fatalidades cosmicas; a convicção, disia eu, destas consoladoras verdades abre um largo horizonte a vida humana, escoimando-a de tantos preconceitos absurdos, de tantas banalidades ocas e irriantes como uma bolha de sabão.

O pobre orgulho humano que sonha com a descendencia e parentesco divino; que quer ver em suas veias correr o sangue dos anjos e em seo cerebro fuzillar o espirito celeste, embora se considere um verme e um pouco de argilla e lodo diante dessa magnificencia e omnipotencia superiores, deve, em vez de abater-se, resignar-se. De certo, nem a terra com tudo quanto povoa a sua superficie, nem o ceo com tudo quanto povoa a sua abobada azulada, forão creados para nosso luxo nem para nosso divertimento. Nós realmente occupamos o throno da realosa terrestre, não recebendo o sceptro do alto nem herdando, como os reis da terra, o rendilhado poder magestático por nascimento, mas pelos nossos unicos esforços, mediante uma luta portada e cruenta contra toda natureza ambiente. As nossas prerogativas regias nos forão conferidas graças ao nos-

so direito do mais forte, que no conflicto vital é a suprema lei.

Adsit fortior, eis o reclamo severo que troa por cima das nossas lutas, das nossas sanguinolentas contendas.

Ninguem desfructa as glorias sem ter transitado por entre os cardos.

«Quem sobe o Pantheon, vae precedido de pó», disse com muita propriedade o poeta dos Escravos.

Assim, pois, o homem, compenetrado do que é, do seo destino, deve submeter-se corajosamente, com tranquillidade estoica, grave e seria, ao conjuncto das leis cosmicas, debaixo de cuja pressão nasce, vive e cresce.

II

O poeta que motivou as poucas palavras q' acabão de ser ditas é um dos bons espiritos, emancipados e reflectidos, que encaráo philosophicamente o problema da vida, pelo seo lado real e scientifico. D'ahi a sua alta intuição quer como poeta, quer como polemista; d'ahi essa eloquencia mascula, essa serenidade que é o melhor do seo modo geral de encarar as questões. Não perturba-lhe a idéa as meticulosidades metaphysicas, nem obscurecem a suagrande consciencia as negruras teleologicas. Recto, tranquillo, resolutivo vai direito ao seo alvo, sem as titubações, sem as reticencias banaes, que caracterisao os espiritos fracos.

A musa de Martins tem um não sei que de marcial. O verso nervoso, incisivo parece soar como um *retintim de embates d'armas*. Descobre-se uma musculatura ferrea no franzino pulso d'esse rapaz de vinte e tres primaveras, que, pela força da sua grande intelligencia occupa um lugar saliente na litteratura nacional, com desespero manifesto dos malsins que lhe tem apedrejado, para a sua gloria eterna.

Nos ultimos seis annos nas lutas litterarias do Recife, desde que Martins transpoz os umbraes academicos, o seo nome tem fulgurado com um brilho invejavel ao lado desse moço genial, um dos mais profundos e circumspectos criticos do paiz, Clovis Bevilacqua, o valente autor da *Philosophia Positiva no Brazil*.

O seo elevado merecimento como poeta tem sido proclamado por homens de reputação quer em Portugal, quer na França, não fallando dos nossos escriptores nacionais.

Entretanto Martins, cujo temperamento athletico, não se satisfaz com a paz preguiçosa dos imprestaveis, não descansa a sombra dos seus louros, o, ao contrario, trabalha com mais afflino para conquistar novos.

O seo espirito sequioso de luzes, atrai-se aos plainos illuminados da sciencia, procurando realisar o consorcio suspirado da poesia com a verdade, para que o poeta seja, não o eterno sonhador, embeveid nas contemplações vãs e fallaces,

mas o synthetizador e educador ameno da intelligencia humana, que não se comprás com as formulas seccas e ama a sonoridade rythmica do verso. Esse consorcio será possivel? Eis uma interrogativa de difficil resposta.

O poeta será sempre o sonhador exposto ao relento das noites estrelladas, de cabelleira á Wether, que vive no reino da lua, estranho ao seculo, exagerando a vida, as paixões e sentimentos, que tomão sempre proporções colossaes na sua imaginação? Será o mellifluido disedor de sentimentalidades, de canções eroticas, de endeixas idyllicas, suaves, frescas, em cujo peito as chammas do amor crepitão, não como uma modalidade physiologica, mas como uma combustão que os olhares de virgem accendem e alimentão? Ou será um homem que interpetra a vida pelo lado real, como ella é, e cujo fim é instruir amenizando, unindo, como queria o poeta, o *utile dulce*, sujeitando-se ao influxo das leis que tanto imperão sobre o moral como sobre o physico, estendendo-se tambem aos diversos departamentos da intelligencia humana?

Si a poesia não é uma manifestação teratologica da intelligencia; si não é, como dizia Seneca, a insania, é logico que venha n'um tempo proximo, incorporar-se as demais manifestações estheticas do pensamento. Portanto, esperar-se que a poesia seja scientifica, é uma couza, muito natural, e para onde tende a maioria dos poetas modernos, com mais ou menos felicidade.

A Martins Junior cabe a gloria de ter sido o primeiro, entre nós, que deo o signal de combate.

Compete o futuro conferir-lhe as coroas da victoria.

Qualquer que seja, porem, a severidade do futuro julgador, não deixará de contemplal-o entre os primeiros espiritos da moderna geração patria.

Um só defeito noto agora, como algures, em Martins: é o uzo immoderado das metaphoras e o emprego de termos que nada significão.

Por exemplo, na poesia *Deprecatio*, p. 44, o poeta falla em *vinho* extrahido da sciencia, em *licor* azul da nova Poesia. Ora essas expressões são pobres de significação. O que é *vinho* da sciencia? o q' é *licor* azul da poesia? Uma bomba e nada mais. Os novos versos de Martins, no ponto de vista que me preoccupa, mostrarão um grande aperfeiçoamento; mas desejava vel-os expurgados desses arrebiques da moda. V. Hugo, Castro Alves estragão muita ideia com essas antitheses destituidas de significação razoavel. O exemplo deiles tem contagiado as nossas letras de sorte que a rima para luz é quasi sempre *azul* e não ha poesia que não traga o seo pedaço de *azul*, como um preito á escola. Martins que é um poeta superior a vulgaridade cachetica que esporea tão desapiadadamente o pobre Pegaso, devia livrar-se dessas trivialidades,

que, as mais das vezes, denotão falta de expressão.

O nosso poeta exima-se desse defeito que afeia intermitentemente as suas bellas concepções, para tornar-se em tudo superior a bitola das chatas mediocridades que o atassalhão instigadas pelos impetos da nullidade invejoza e má.

Escreva sempre no estylo primoroso do soneto—Judith ou no do soneto *Nem Deus nem Rei*, uma verdadeira obra prima quer no ponto de vista estylistico, quer como um objurgatoria vehemente contra, — O Deus da terra—o Rei, e Deus o Rei dos

as duas soberanas soberanas entidades theologica e politica, representantes de tudo quanto a imbecillidade humana tem elevado a categoria de principio. Falta-nos espaço para dar mais desenvolvimento a esta noticia e transcrever muitas das magnificas poesias que aformoseião o livro de Martins.

Quem escreve estas linhas, como uma simples noticia de jornal, sem a minima pretensão critica, reputa a gloria do illustre poeta pernambucano ja firme e robusta. Essa gloria é uma das suas melhores satisfações tal é a verdadeira estima que consagra ao brilhante poeta das Visões de Hoje. Possa ter sempre occasiões, como esta, de analysar a progressão intellectual d'aquelle que é uma das mais valentes voccações poeticas do paiz.

30 de Outubro de 1884.

W.

EXTRACTO.

CAMARA DOS DEPUTADOS

PROJECTO N. 49

SESSÃO DE 4 DE AGOSTO DE 1884

PARECER N. 48 A

FORMULADO

em nome das commissões reunidas de orçamento e justiça civil acerca do projecto de emancipação dos escravos,

PELO

SR. RUY BARBOSA

(Continuação do n.º 3)

Um dos membros da opposição conservadora que mais se distinguiram nas fileiras do escravismo, dava o rebate de *grandes catastrophes* contra a *societade*, desgracias em que periclitariam as proprias instituições, e, em intergeições de terror, clamava, entre apoiados: « Oh! senhores, iste excede os limites da imprevidencia e da temeridade! » José de Alencar, aquella intelligencia altanadissima divisava no projecto « uma grande calamidade social, que, sob amascara da lei, ameaçava a nação brasileira. » E o verbo severamente pratico do sr. Pereira da Silva perorava um discurso de lugubres echos e propheticos accentos, advertindo, em entonações temerosas: « Vossa proposta é fatalissima, é o facho talvez do grande incendio. Prevejo calamidades inauditas, crises medonhas, se a proposta for

SEÇÃO PARTICULAR.

BARRAS

convertida em lei. — Que tremendo horizonte então o do país, ante a proposta Rio Branco! No ar as crepitações e as chamas de uma conflagração universal; aos pés o abysmo, escancarado sob as evocações do sr. Perdício Malheiro:

«A solução da proposta do governo, com esse complexo de medidas absolutas, tende infallivelmente a desorganizar tudo, a precipitar com os males graves e perigosos inconvenientes a solução, anarchisar o país, e levar-o ao abysmo, a pretexto de emancipação dos escravos, em gravissimo damno dos proprios escravos velhos, e da infeliz geração futura, que será de facto escrava!»

Não se pôde suppor que esse abysmo fosse apenas um tropo de rhetorica, quando o vemos prognosticado nas palavras de um jurista-con-sulto notavel como esse e nas de um brasileiro superior como José de Alencar, jurista, publicista, e estadista de opiniões não vulgares. As ultimas vibrações do seu discurso de 13 Julho gemem como os echos de uma região talada e subvertida por um cataclysmo.

Quando chegar o dia da execução desta lei, quando surgirem as graves difficuldades, quando começarem as perturbações que ha de produzir esta reforma, quando se desvendarem o abysmo, que uma illusão fatal hoje encobre ao gabinete, nessa occasião s. ex. ha de ouvir, não o echo de além-mar, porém sim a voz severa de seu partido, o grito angustiado de sua patria, clamando, como a voz do Senhor: «Remember what I wan thee.» Lembra-te do que te adviro.

O eloquente parlamentar, nessa oração famosa, arrastava á barra da opinião publica o ministério 7 de março, como réo de instigação á guerra civil, á lucta fratricida no país, tramado friamente, num calculo infernal de governo, para esmagar a nação sob uma covardissima tyrannia.

«Essa resposta que ahí está sobre a mesa, não é mais do que um pretexto para provocar a revolução; não é mais do que o precursor do projecto incubado no alio. Esse papel, senhores, contém uma ousada provocação, um cartel de desafio lançado á opinião, na esperança de que ella accete o repto, não para combater-a aqui, na imprensa e na tribuna, com as armas da razão, mas para atacal-a com a baioneta, o fuzil, o sabre e o canhão, que são as quatro syllabas do despotismo. (Applaudos)»

«Senhores, esse pretexto da commissão é mais uma presumpção vehemente do espirito conspirador, de que está animado o governo; é mais uma prova de que se pretende provocar a desordem, para decretar por um acto de dictadura, a extincção da escravidão, embora sobre a ruina da propriedade, sobre a miseria publica, sobre o descalabro da sociedade.»

«A horrorosa proposta», na sua imprudencia inaudita», não poupara, sequer, o recato das familias, a inviolabilidade do lar domestico. Ella estavaria para o país a espiagem organizada. Se duvidades, olhemos o sr. Villa da Barra.

«O governo teria, portanto, necessitado de exercer inspeção, fiscalização, vigilancia á míngua da fazenda, e de que facto egresso da policia em uma voz que os senhores se recusam a essa inspeção.»

E o sr. José de Alencar:

«A liberdade compulsoria, a pretexto de salvagato, ou de arbitramento, é uma arma perigosa, que se forja para os olhos, as intrigas e malqueresias das multidões; e com a qual se ha de andar a escaleta do cidadão, perturbal a paz das familias, e espalhar uma propriedade que se pretende garantir.»

(Continúa.)

O n.º 3 deste jornal publicou uma correspondencia da villa das Barras, assignada—Um abolicionista—, em que são narradas—ocurrencias dadas nos arbitramentos de outro escravo do sr. coronel José Antonio Rodrigues. Occurrencias que tudo de encontro aos direitos da causa que defendemos, foram praticadas com flagrante violação da lei, trazendo, conseqüentemente, grave responsabilidade aos que a ellas derão lugar.

Pois bem: nós faltaríamos ao nosso dever, se deixássemos passal-as desapercibidas, devendo alias, sermos os primeiros a analisal-as, estigmatizal-as, e denunciá-las, ao país.

E' isto que vamos fazer, principiando agora por uma breve analyse, em quanto não temos outros documentos comprobatorios, alem da correspondencia a que nos referimos.

Admittido como provados os factos arguidos na alludida correspondencia, o juiz do feito, incorreo em grave responsabilidade, parecendo arrastado pela mais lamentavel parcialidade. Elle não pôde mandar relaxar o deposito em que se achavão os escravos, mandando entregal-os ao seu senhor: em primeiro lugar, porque, é pratica seguida em todos os juizes, sancionada por todos os tribunaes superiores e exemplificada em formularios, por todos os commentadores da lei e regulamento do elemento servil, mandar o juiz, quando o arbitramento excede a importancia do pecúlio exhibido, intimar o libertando na passoa de seu curador, para em um prazo marcado entrar, se quizer, com a quantia acrescida, e se depois de findo esse prazo e lançado delle pela parte contraria na audiência aprasada, terá então lugar um outro despacho mandando voltar o libertando ao estado de escravidão em que se achava, como tudo sabia e juridicamente, se vê exemplificado pelo Dr. Coelho de Resende, á pagina 42 de sua obra—Formulário dos processos derivados da lei n.º 2010 e reg. n.º 3133; e julgado no Dir. vol. 1.º pag. 193 a 197; 12.º pag. 350 a 361; 19.º pag. 293 a 300.

Depois, a sentença que homologa ou não o arbitramento, como qual puny outra civil, pode ser embargada ou appellada, conforme ensina o praxista citado (n.º 15) e é geralmente sabido: por tanto sem que tenha passado em julgado não pode ter ella execução, e conseqüentemente não podia o juiz mandar levantar o deposito em que se achavão os libertandos.

Alem disso compria a este juiz appellar ex-officio da sua sentença conforme é expresso no art. 80, § 2.º do Reg. n.º 3133; se não julgado no Dir. vol. 3.º pag. 59; 12.º pag. 360 e 361, e ensina o Prax. acima citado; pag 42 e not. 13; sendo que a appellação assim interposta, ou voluntariamente pela parte libertanda, no caso do juiz, homologando

ou não o arbitramento, mandal-a restituir ao captivo, deve ser recebida em ambos os effeitos, ficando assim suspensa sua execução e conseqüentemente subsistindo o deposito do mesmo libertando, até a decisão do juiz superior. Dir. vol. 1.º pag. 193 a 197. Elemento Servil Pom. por P. L. pag. 63 n.º 143.

Ora se é certo que o juiz do feito infringio todas estas disposições de direito, também é certo que elle commetteo um crime de responsabilidade previsto pelo nosso cod. crim., pelo qual deve ser processado e punido, podendo denunciá-lo o curador dos escravos ou qualquer pessoa do povo; e o digno juiz de direito da comarca, deve ex-officio responsabilizal-o, se é que os autos subirem ou subiram a sua presença, cumprindo assim o disposto no art. 10 § 1.º do dec. n.º 4824 de 22 de novembro de 1871.

Quanto porem ao arbitrio de que trata a correspondencia a que nos referimos, alem de estar no mesmo caso de responsabilidade legal em que se acha aquelle juiz, pesa ainda sobre elle uma responsabilidade moral de tanto alcance, que torna injustificavel o seu procedimento, tanto mais se si provar, que elle é membro da sociedade Libertadora installada naquella villa, cujos Estatutos prohibem aos socios proteger causas contrarias a liberdade, sob pena de serem eliminados com a nota de traidores; e que accitando por parte do senhor dos escravos o encargo de arbitro, avaliou escravos septuagenarios ou sexagenarios a 200\$000 reis cada um, e uma escrava por 150\$ reis, que a tres annos antes havia sido avaliada em inventario por 300\$ reis.

Que, escravos desta idade não podem ter esse valor,—maximena villa das Barras, onde esse genero está por demais depreciado, é o que não se pode pôr em duvida, em vista das rotundas provas que temos. Ultimamente, isto é, no 1.º de julho deste anno (salvo o engano) foram libertados naquella villa mediante indemnização da sociedade Libertadora Barrensense, porção de escravos de idade de 13 a 20 e tantos annos, por preço de 60\$ a 90\$ reis. Anteriormente, já haviam sido libertados pelo fundo de emancipação, escravos desta mesma idade a 200\$ reis e até, uma de 15 annos mais ou menos do capitão Manoel Elias por cento e sessenta e poucos mil reis, segundo tudo consta de penaes desta capital, e da respectiva classificação.

Isto pôde pedirnos ao correspondente de Barras e a todos os socios da Libertadora Barrensense, (não traidores) que não deixem correr a revella a causa dos infelizes agarrados e arrastados a face do juiz, com manifesta violação da lei; que n- em de todos os recursos legais em seu favor, recorrendo mesmo ao direito de queixa, denuncia, representação &c: assim como que nos forneçam documentos comprobatorios dos factos arguidos na correspondencia a que nos re-

ferimos; para q' possamos seguros, accusar por n'essa vez, perante a opinião publica, á esses funcionarios da justiça, que, segundo parece, tanto degerão, e peffirontáramos elles o anathema de todos os homens honestos em geral.

\*\*\*

Noticiario.

Em Humildes creou-se uma sociedade intitulada—Libertadora Humildense, graças aos esforços de alguns illustres cidadãos.

Enviando com a maior effusão d'alma um apelo de mão aos distinctos emancipadores humildenses, desejamos que a santa idéa da redempção dos captivos propague-se por toda comarca, a qual aspiramos ver redimida sem abalo nem conflagração de especie alguma.

O tenente-coronel Francisco E. de Freitas, na Colônia; por occasião do 3.º anniversario de um seu interês ante fidalgo, libertou sem onus a sua escrava Rita.

Felicitemos ao illustre piauiense por esse acto digno de seu elevado coração.

O sr. dr. Coelho de Resende e o sr. alfores Firmiano S. de Araujo libertarão, este o seu escravo Barnabé e aquelle a sua escrava Felippa.

Nossas cordenas felicitações aos illustres libertadores.

Pelo sr. dr. juiz de direito da comarca foi condemnado em grão de appellação, a 1 mezes de prisão simples e multa por crime de injurias impressas, o cidadão Antonio Pabio da Silva Pinheiro.

Chegou a esta capital, vindo do Goyaz, o Sr. Dr. Benevenuto Alves de Carvalho, chefe de Policia da Provincia. Desejamos que S. S. seja feliz na sua administração policial.

Foi nomeado o Dr. Ricardo de Carvalho director da Colonia de S. Pedro, com muitas vantagens. Uma boa fiscalização e uma seria applicação do dinheiro dado para os melhoramentos desse estabelecimento, poderão elevá-lo a um grão de prosperidade digno dos sacrificios que tem feustado.

Esperamos que o Sr. Dr. Ricardo realice-es para honra sua e felicidade nossa.

Hontem começaram os exames geraes nesta capital, funcionando as bancas de latin e francez.

Teve hoje lugar a inauguração da linha telegraphica entre esta capital e a do Maranhão.

Trocaram-se com a capital vizinha telegrammas congratulatorios. Felicitemos a provincia por este auspicioso acontecimento.